

É o Euro ou a selvagem globalização o problema da União Europeia e Estados Unidos?

Autor: Vasco Jorge Salazar Soares

Professor Coordenador do ISVOUGA- Instituto Superior de Entre Douro e Vouga; Professor Auxiliar convidado da Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Desde a sua criação, em 1999, que o Euro constituiu um desafio às empresas portuguesas, uma vez que tendo tido inicialmente uma paridade de 1,17 face ao USD, rapidamente acabou por apreciar e atingir há 2 anos o marco de 1,51 contra essa mesma moeda, correspondendo a uma valorização de 29% da moeda contra a homóloga norte-americana.

O facto da maioria das economias asiáticas, nomeadamente a chinesa, terem a sua moeda ancorada com o USD, rapidamente fez aumentar ainda mais as vantagens comparativas da produção em escala desses mercados, nomeadamente depois da abolição de todas as barreiras com a liberalização do comércio mundial estendida à china.

Como pode uma região europeia competir contra salários já de si baixos e ainda por cima ajudados por um factor cambial claramente contrário ao desejável?

Dirão os alemães, construtores de equipamentos, automóveis e aparelhos de alta tecnologia que os países do sul não fizeram o seu trabalho mas o tempo irá mostrar que o problema não é efectivamente só europeu mas sim de organização mundial de uma verdadeira economia de mercado.

A China (e não falamos da Índia neste artigo por falta de espaço), constituiu uma economia em franco crescimento económico e está já a deslocalizar para países limítrofes (Vietname, Camboja, etc) as indústrias de mão-de-obra mais barata, formando actualmente cerca de quatro milhões de engenheiros por ano e construindo cerca de 4.000km de auto-estradas anualmente. Estima-se que nos próximos anos, cerca de 400 milhões de chineses possam migrar das zonas rurais para as grandes cidades (cerca de 600 com mais de 500 mil habitantes!!!), permitindo que os salários e condições de vida permaneçam baixos para os assalariados e como a formação tem sido em grande escala, apenas pontualmente os salários das pessoas altamente qualificadas têm aumentado sensivelmente (Shangai, Beijing). Insistindo a china em manter a sua moeda artificialmente a um câmbio baixo, a sua economia cresce a um nível tal que em algumas cidades existe já uma enorme bolha imobiliária que pode acabar brevemente como a que deu origem ao sub-prime nos EUA e depois alastrou à Europa.

Relacionando o movimento da China com os Estados Unidos, temos verificado que a partir da abolição de quotas de importações de países de mão-de-obra barata, como foi o caso da China, assistimos a um desmembrar da maioria dos sectores de mão-de-obra menos qualificada e bens de consumo, incapazes de competir com a China que tem baixas exigências em termos de segurança no trabalho e restantes existências, ficando a Europa e os Estados Unidos concentrados nos bens de equipamento e sector automóvel/aeronáutica e serviços

financeiros. A China continua no entanto a evoluir e está agora já muito forte nos serviços financeiros e está a expandir internacionalmente adquirindo empresas e recursos em África e na América Latina. A China tem a base produtiva que lhe permite ter poupança para investir em educação e no desenvolvimento de produtos tecnologicamente mais avançados.

A queda da Europa e dos Estados Unidos estão relacionados com este fenómeno de transferência de aparelho produtivo básico para a China, considerada a fábrica da humanidade, sendo que isso provocou um aumento claro do desemprego e uma tentativa dos Estados de compensarem essa quebra com investimento público em infra-estruturas e aumento das despesas públicas, numa altura em que a economia real está a descer em vez de subir. Perante isto, o peso das dívidas públicas tornou-se insustentável com a ruptura do modelo de crescimento assente em despesa sem efeito multiplicador no produto real da economia.

Perante uma quebra do produto os Estados já de si excessivamente endividados não conseguem financiar-se nos mercados e a própria solvabilidade comunitária (e dos Estados Unidos) está em causa.

Este raciocínio mostra claramente que o Euro deveria estar muito mais baixo para poder compensar esta falsa economia de mercado que torna os mercados asiáticos muito mais competitivos que o Europeu. Infelizmente isso está longe de acontecer por receios de inflação importada, essencialmente via custos energéticos.

O que deve a meu ver então fazer a Europa (conjuntamente com os Estados Unidos)?

O primeiro passo será forçar a China a reequacionar a sua forma de estruturar a economia, fomentando mais o mercado interno e dando espaço a uma valorização efectiva e progressiva da sua moeda (Yuan) face ao USD e face ao Euro.

Caso como tem sucedido no passado tal não ocorra, um segundo passo, paralelo, deverá ser restabelecer quotas de importação (inicialmente 10% e depois aumentando até 30 a 50% do mercado interno) que permitam o renascimento de sectores básicos da economia, facto que dinamizará o crescimento económico interno da zona Euro e reduzirá as pressões especulativas no mercado imobiliário chinês antes que este provoque sérios problemas na economia chinesa.

Um terceiro passo será estabelecer regras internacionais de trabalho fiscalizáveis em que todas as empresas que compitam no mercado global sejam obrigadas a cumprir, para que tenhamos um benefício para o consumidor mas também claramente um progresso na humanidade em termos de condições de trabalho e dignidade para todos os seres humanos.

Referir que é possível resolver o problema de outra forma será ilusório e irreal e o tempo acabará por o demonstrar. As vantagens do crescimento económico global com a liberalização têm de ser repartidas e não concentradas sob pena de provocarem problemas como o actual.

Como vimos o problema não está de facto no Euro mas é muito mais global e só será resolvido numa negociação global. Se acabarmos com o Euro ficamos politicamente mais frágeis e com menor capacidade negocial perante a China ou a Índia que é a única forma de sairmos da letargia em que nos encontramos.